

DISTÚRBIOS OSTEOMUSCULARES EM PROFISSIONAIS DA SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

OSTEOMUSCULAR DISORDERS IN HEALTHCARE PROFESSIONALS: AN INTEGRATIVE REVIEW OF THE LITERATURE

^IKarine Soares Araújo, ^{II}Bianka Geiane da Silva Ribeiro, ^{III}Ana Clara Marinho Lima, ^{IV}Victor Guilherme Dieb Gomes, ^VGustavo Coringa de Lemos, ^{VI}Joelma Gomes da Silva

Resumo. O setor da saúde se configura como uma área em que há uma crescente demanda por serviços, assim, os profissionais inseridos nesta esfera apresentam suscetibilidade a desenvolverem diversas afecções, dentre elas, as de ordem osteomuscular devido às sobrecargas físicas e mentais. Diante disto, o presente estudo teve como objetivo realizar um levantamento da literatura acerca dos principais distúrbios osteomusculares que acometem os profissionais de saúde. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura em que se realizou uma busca nas bases de dados eletrônicas Cochrane Library, SciELO (Scientific Electronic Library Online) PubMed e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Para isto, foram incluídos estudos publicados entre os anos de 2012 a 2022, que apresentaram disponibilidade de texto completo de maneira gratuita em inglês e/ou português. Como critérios de exclusão foram levados em consideração aqueles que não tiveram relação com o tema proposto, bem como revisões de literatura, dissertações, teses, monografias e resumos. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade, foram selecionados 10 artigos para constituírem a presente revisão. Como resultado observou-se que há uma relação entre os fatores biomecânicos existentes em cada atividade profissional com o surgimento destas patologias, podendo as mesmas se apresentarem de formas diferentes em distintas profissões. Houve uma maior prevalência de distúrbios osteomusculares entre os profissionais que não praticavam atividades físicas, que realizavam o manuseio de pacientes mantendo um contato direto com os mesmos, e entre os profissionais do sexo feminino. Os distúrbios mais relatados foram dor, rigidez, fadiga e dormência, sendo as regiões lombar, dorsal, cervical, dos ombros, punhos e mãos as mais afetadas. Portanto, concluiu-se que o surgimento destas afecções está associado as características individuais e laborais, estando relacionados a fatores como sexo, profissão, prática de atividade física e hábitos de vida em geral.

Palavras-Chave: : Distúrbios Osteomusculares. Trabalhadores de Saúde. Ocupações em Saúde.

Abstract. The health sector is an area in which there is a growing demand for services, therefore, professionals in this sphere are susceptible to developing various conditions, including those of a musculoskeletal nature due to physical and mental overload. In view of this, the present study aimed to carry out a survey of the literature on the main musculoskeletal disorders that affect healthcare professionals. This is an integrative review of the literature in which a search was carried out in the electronic databases Cochrane Library, SciELO (Scientific Electronic Library Online) PubMed and LILACS (Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences). For this, studies published between 2012 and 2022 were included, which presented free full text availability in English and/or Portuguese. Exclusion criteria were those that had no relation to the proposed topic, as well as literature reviews, dissertations, theses, monographs and abstracts. After applying the eligibility criteria, 10 articles were selected to constitute the present review. As a result, it was observed that there is a relationship between the biomechanical factors existing in each professional activity with the emergence of these pathologies, which may present themselves in different ways in different professions. There was a higher prevalence of musculoskeletal disorders among professionals who did not practice physical activities, who handled patients and maintained direct contact with them, and among female professionals. The most reported disorders were pain, stiffness, fatigue and numbness, with the lumbar, dorsal, cervical, shoulder, wrist and hand regions being the most affected. Therefore, it was concluded that the emergence of these conditions is associated with individual and work characteristics, being related to factors such as gender, profession, physical activity and lifestyle habits in general.

Keywords: Musculoskeletal Disorders. Health Workers. Health Occupations.

^IBacharel em Fisioterapia pela Faculdade do Vale do Jaguaribe, Especialista em Saúde da Família e Comunidade pela Escola de Saúde Pública do Ceará; Servidora pública na Prefeitura Municipal de Jaguaribe
Orcid/Id: 0000-0001-9654-7315

^{II}Graduanda em Fisioterapia. Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró (FACENE/RN). Angicos, RN, Brasil,
Orcid/Id: 0009-0008-4255-8332.

^{III}Graduanda em Fisioterapia. Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró (FACENE/RN). Apodi, RN, Brasil,
Orcid/Id: 0000-0001-9732-3081.

^{IV}Acadêmico de Fisioterapia, Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró
Rio Grande do Norte, Brasil.
Orcid/Id: 0000-0002-2841-8068.

^VBacharel em Fisioterapia. Mestre em Cognição, Tecnologias e Instituições (UFERSA), Docente da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró. Mossoró,
Rio Grande do Norte, Brasil.
Orcid/Id: 0000-0002-0092-4989.

^{*VI}Fisioterapeuta, mestre em saúde e sociedade pela Universidade do estado do Rio Grande do Norte, Docente da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró. Mossoró,
Rio Grande do Norte, Brasil.
E-mail: fisiojoelmagomes@gmail.com.
Orcid/Id: 0000-0001-7088-6191.

INTRODUÇÃO

A ocorrência de Distúrbios Osteomusculares como dores e desconfortos representa um dos problemas mais predominantes entre a população mundial, com cerca de 40% sendo acometida anualmente, afetando principalmente as regiões do pescoço, costas, membros superiores e membros inferiores¹.

Segundo Haeffner et al.², estes distúrbios caracterizam-se como processos inflamatórios e/ou degenerativos que atingem principalmente tendões, cartilagens, músculos, articulações e nervos, acarretando o surgimento de quadros álgicos e limitações funcionais. Ainda segundo os autores, diversos fatores podem influenciar o surgimento de tais processos como: realização de movimentos repetitivos, inalterabilidade de tarefas, alto grau de exigências físicas, manejo de grandes cargas de peso, além de fatores psicológicos e sociais que influenciam diretamente na percepção de dor.

Em países desenvolvidos, tais afecções se destacam como um dos principais problemas de saúde pública, os quais estão presentes tanto entre trabalhadores de diversas categorias, como entre a população em geral, o que acarreta prejuízos como, diminuição na qualidade de vida, baixa produtividade no trabalho, danos funcionais, incapacidade e custos com procedimentos médicos³.

Tais distúrbios possuem etiologias variáveis, sendo em grande parte influenciados pelo contexto ocupacional que os indivíduos estão inseridos. Dessa forma, atingem diferentes categorias profissionais, incluindo os trabalhadores da saúde, devido as grandes jornadas de trabalho e constantes momentos de tensão, o que causa impactos físicos e emocionais^{4,5,6}.

O surgimento desses distúrbios normalmente se dá de forma insidiosa, podendo caracterizar-se por dor, diminuição da amplitude de movimento, alterações de sensibilidade e redução da força muscular. Caso haja uma negligência dos sintomas iniciais, estes podem evoluir posteriormente para uma forma incapacitante, o que pode ocasionar afastamento dos profissionais do local de trabalho, gerando consequências tanto para a esfera de saúde pública, quanto para a esfera econômica^{7,8}.

Diante disto é ideal focar em abordagens capazes de prevenir este problema, entre as quais estão: realização de exercícios específicos, adoção de pausas durante a jornada de trabalho, orientações sobre práticas saudáveis e fatores de risco, além de adaptações físicas no ambiente em que estes indivíduos estão inseridos⁸.

Porém, com a falta de adesão de tais práticas, muitos profissionais são afastados de suas atividades. Além do mais, o processo saúde-doença em questão, inclui a cronicidade do processo patológico, sensação de inaptidão para o exercício profissional e afastamento dos profissionais de suas atividades laborais, o que impacta negativamente na qualidade de vida do indivíduo, além de maiores gastos no âmbito da saúde pública e campo previdenciário⁶.

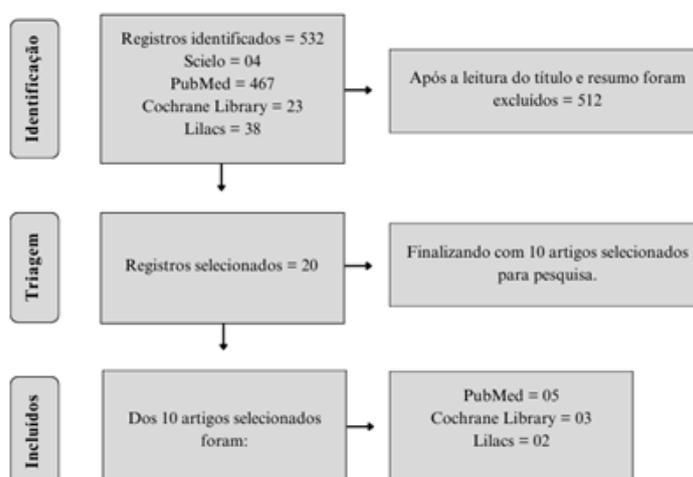
Sendo assim, ressalta-se a importância de se estudar a temática em questão, uma vez que apesar de ser um grupo de doenças evitáveis, ainda há um alto número de profissionais acometidos. Além disso, observa-se uma necessidade de discussão acerca destas afecções em profissionais de saúde, sendo relevante identificar os fatores de risco e os hábitos laborais associados.

Tendo como objetivo realizar um levantamento da literatura acerca dos principais distúrbios osteomusculares que acometem os profissionais de saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na presente seção são apresentados os resultados dos estudos que foram incluídos nesta revisão integrativa a partir dos critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos. Dessa forma, foram encontrados um total de 532 artigos, sendo destes, 04 na SciELO, 467 na PubMed, 23 na Cochrane Library e 38 na LILACS.

Em seguida foi realizada a leitura do título e resumo, sendo excluídos 512 estudos; sendo 234 excluídos por não abordarem os distúrbios osteomusculares especificamente em profissionais da saúde, 82 por se caracterizarem como teses, monografias e revisões de literatura e 196 por não possuírem disponibilidade de texto completo em inglês ou português de forma gratuita. Após essa fase realizou-se uma leitura minuciosa dos 20 estudos restantes, dos quais 10 artigos foram selecionados a partir dos critérios pré-estabelecidos. Destes, 5 foram encontrados na PubMed, 3 na Cochrane Library e 2 na LILACS, conforme a figura 1.



Fonte: elaborado pelos autores, 2023.

FIGURA 1 – Fluxograma da busca dos artigos na literatura

A partir dos artigos selecionados foi feito um compilado com informações sobre os estudos que podem ser conferidos na Tabela 1. Além dessas informações, por questões didáticas foram atribuídos numeração para cada estudo a fim de facilitar a discussão dos resultados.

Dos estudos selecionados, 5 foram publicados na língua inglesa, e 5 na língua portuguesa, sendo o ano de 2012 o período em que houve mais artigos publicados. Relacionado à caracterização dos artigos observou-se que todos se tratam de estudos analíticos, sendo 90% estudos transversais e 10% estudos longitudinais do tipo retrospectivo.

Ressalta-se que em metade dos estudos, levaram-se em consideração as características demográficas e ocupacionais das amostras, sendo aplicados questionários que colheram informações como: sexo, ocupação, atividades de lazer, condições do ambiente de trabalho, ritmo de trabalho e prática de atividade física. Além disso, os fatores osteomusculares foram abordados em todos os trabalhos, sendo o Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares, um dos instrumentos mais utilizados.

Houve a análise de diferentes categorias profissionais com o surgimento de sintomas osteomusculares, destacando-se a relação entre os fatores biomecânicos existentes para a realização da atividade profissional, portanto cada profissão pode apresentar um distúrbio osteomuscular mais prevalente, de acordo com as atividades realizadas no ambiente de trabalho. Os distúrbios mais relatados foram dor, rigidez, fadiga e dormência, sendo as regiões lombar, dorsal, cervical, dos ombros, punhos e mãos as mais afetadas.

Os Distúrbios Osteomusculares possuem origem multifatorial, sendo influenciados pelo padrão biomecânico adotado no ambiente de trabalho, além das características individuais como idade, sexo, prática de atividade física e tempo de serviço, fatores biopsicossociais e características organizacionais. Atividades que envolvam levantamento de pesos e manutenção de posturas forçadas por um maior período, fazem com que os indivíduos fiquem mais suscetíveis a desenvolverem quadros algícos na região dorsal, enquanto tarefas que englobam movimentos repetitivos e contrações isométricas, estão associadas ao desenvolvimento de dores nos membros superiores e pescoço⁹.

Tabela 1 – Descrição dos artigos selecionados para pesquisa de acordo com o código, título, objetivo e método.

Nº	Autores e ano de publicação	Título	Objetivo	Método	Resultados
01	Barbosa; Assunção; Araújo (2012) ⁹	Distúrbios musculoesqueléticos em trabalhadores do setor saúde de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.	Avaliar a associação entre a prevalência de distúrbios musculoesqueléticos e características individuais, do emprego e do trabalho em uma população de trabalhadores da rede municipal de saúde de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.	Estudo transversal. Foram considerados elegíveis todos os profissionais vinculados à rede, independentemente do vínculo empregatício (permanente, temporário, estágio). Foram analisadas as seguintes variáveis: sexo, ocupação, atividades de lazer, prática de atividades físicas, condições do ambiente de trabalho, ritmo de trabalho, transtornos mentais comuns, demanda psicológica e modelo demanda-controle, sendo utilizados instrumentos como: escala do tipo Likert, Self Reporting Questionnaire (SRQ-20), Job Content Questionnaire, entre outros. Os dados coletados foram analisados no software estatístico Stata 10.0.	Houve uma prevalência de 36,5% para dorsalgias, 34,3% para distúrbios que acometem os membros inferiores e 20,4% para os que acometem membros superiores.

<p>02 Magnato et al. (2012)¹⁰</p>	<p>Intensidade da dor musculoesquelética e a (in) capacidade para o trabalho na enfermagem.</p>	<p>Avaliar a associação entre intensidade da dor musculoesquelética e redução da capacidade para o trabalho em trabalhadores de enfermagem.</p>	<p>Trata-se de estudo transversal, envolvendo 592 trabalhadores de enfermagem de um hospital universitário público do Rio Grande do Sul, Brasil. Utilizou-se a versão brasileira do questionário finlandês, para o cálculo do Índice de Capacidade para o Trabalho. Avaliou-se a intensidade de dor musculoesquelética na última semana, utilizando-se a escala numérica de dor.</p>	<p>Dos trabalhadores estudados, 8,6% não relataram quadro álgico nos últimos sete dias, 11,6% apresentaram dor de fraca intensidade, 35,7% dor moderada, 39% dor forte e 5,1% dor insuportável. Destes, 5,7% foram classificados com baixa capacidade para o trabalho, 37,6% com moderada capacidade, 41,4% com boa capacidade e 15,3% com ótima capacidade.</p>
<p>03 Kitzmann et al. (2012)¹¹</p>	<p>A Survey Study of Musculoskeletal Disorders Among Eye Care Physicians Compared with Family Medicine Physicians</p>	<p>Avaliar a prevalência de distúrbios musculoesqueléticos entre médicos oftalmologistas comparados com médicos de família.</p>	<p>Realizou-se um estudo transversal de sintomas musculoesqueléticos entre médicos oftalmologistas e médicos de medicina de família empregados nos Hospitais e Clínicas da Universidade de Iowa (Iowa City, IA) e na Clínica Mayo (Rochester, MN). Foi utilizado um questionário online que coletou informações relacionadas à: demografia, saúde pessoal, sintomas musculoesqueléticos, fatores de trabalho potencialmente contribuintes e estresse psicossocial e ocupacional.</p>	<p>Os achados do estudo demonstram que houve uma maior prevalência de distúrbios musculoesqueléticos entre médicos oftalmologistas, onde os mesmos apresentaram uma prevalência de 46% para sintomas do pescoço, corroborando com estudos anteriores em que houve uma prevalência de 32,6% a 69 % para sintomas cervicais. No entanto, no presente estudo a prevalência de sintomas lombares (26%) e do ombro (11%) foi menor do que em outros estudos.</p>
<p>04 Maciel et al. (2012)¹²</p>	<p>Musculoskeletal disorder related to the work of doctors who perform medical invasive evaluation</p>	<p>Realizar a avaliação ergonômica da colonoscopia no local de trabalho durante o exame em ambiente ambulatorial.</p>	<p>Estudo transversal em um serviço de saúde de São Paulo, Brasil. Para avaliação do local de trabalho do médico colonoscopista foram aplicados dois instrumentos: o check list de Couto e o Método Sue Rodgers.</p>	<p>Através da avaliação ergonômica observou-se que as estruturas corporais que apresentam maiores riscos de serem acometidas por lesões são as estruturas dos dedos, punhos e mãos.</p>
<p>05 Paula et al. (2015)¹³</p>	<p>Capacidade para o trabalho, sintomas osteomusculares e qualidade de vida entre agentes comunitários de saúde em Uberaba, Minas Gerais.</p>	<p>Avaliar a capacidade para o trabalho (CT), aspectos socioeconômicos, qualidade de vida (QV) e sintomas osteomusculares, bem como as associações entre estes em agentes comunitários de saúde (ACS) da cidade de Uberaba, Minas Gerais.</p>	<p>Pesquisa de campo com delineamento transversal e caráter descritivo. Participaram da pesquisa 47 ACS (42 mulheres e 5 homens), com idade média de 37,26 ± 12,74 anos, que responderam um questionário sociodemográfico, o Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares, o Questionário de Qualidade de Vida SF-36 e o Índice de Capacidade para o Trabalho.</p>	<p>Os ACS que apresentaram uma inadequada capacidade para o trabalho possuíram uma maior incidência de sintomas osteomusculares, bem como uma menor qualidade de vida.</p>

<p>06 Oranye; Benneth (2017)¹⁴</p>	<p>Prevalence of work-related musculoskeletal and non-musculoskeletal injuries in healthcare workers: the implications for work disability management.</p>	<p>Comparar a prevalência de lesões musculoesqueléticas e não musculoesqueléticas em uma coorte de trabalhadores do setor de saúde de Manitoba, que fizeram reclamações de lesões entre 2002 e 2012.</p>	<p>Estudo retrospectivo, usando dados secundários do WCB (Workers Compensation Board) em Manitoba. A regressão logística foi usada para determinar as razões de chance para a natureza das lesões relacionadas ao trabalho entre os diferentes grupos de trabalhadores.</p>	<p>Houve uma prevalência de 74,6 % de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho.</p>
<p>07 Greiner; Nolan; Hogan (2019)¹⁵</p>	<p>Work-Related Upper Limb Symptoms in Hand-Intensive Health Care Occupations: A Cross-Sectional Study With a Health and Safety Perspective</p>	<p>Estimar a prevalência de sintomas de membros superiores diagnosticados em fisioterapeutas e terapeutas desportivos</p>	<p>Pesquisa transversal (N = 347) usando amostragem aleatória (fisioterapeutas em consultório particular), amostragem por conglomerados proporcionais (fisioterapeutas de base hospitalar) e amostragem de toda a população (fisioterapeutas e terapeutas desportivos). Foi utilizado um questionário que incluiu características sociodemográficas, incluindo histórico de trabalho físico, ergonomia, organização e fatores psicossociais do trabalho; estilo de vida, práticas de enfrentamento, saúde e segurança; avaliação de risco; e treinamento.</p>	<p>As regiões do corpo mais afetadas foram: cervical (49,4%), ombros (53,2%) e polegares (46,1%).</p>
<p>08 Lobo et al. (2019)¹⁶</p>	<p>Work-related musculoskeletal symptoms in otorhinolaryngology and their relationship with physical activity. A nationwide survey</p>	<p>Determinar a prevalência de sintomas musculoesqueléticos relacionados ao trabalho em especialistas e estagiários de otorrinolaringologia e cirurgia de cabeça e pescoço na Espanha e medir o efeito que o exercício físico pode ter no desconforto muscular.</p>	<p>Pesquisa transversal que foi administrada entre setembro e dezembro de 2017 a otorrinolaringologistas. A pesquisa foi baseada em um questionário adaptado de Cavanagh et al 2016. Foi enviado um questionário (google forms) por email, o qual esteve aberto de setembro a dezembro de 2017. Além das perguntas incluídas no questionário original, a pesquisa atual abordou outras questões, como: horas de cirurgia na última semana ou no último mês; horas de esportes ou ginástica na última semana ou no último mês e se eram tabagistas. Além disso, perguntou-se, na percepção do entrevistado, qual a porcentagem de colegas cirurgiões otorrinolaringologistas que sofrem de distúrbios musculoesqueléticos atribuíveis à realização de intervenções cirúrgicas.</p>	<p>Os sintomas mais relatados foram dor, rigidez, fadiga e dormência, enquanto que as regiões do corpo mais afetadas foram: dorso, pescoço, ombro e mãos.</p>
<p>09 Cordioli et al. (2020)⁷</p>	<p>Qualidade de vida e sintomas osteomusculares em trabalhadores da atenção primária.</p>	<p>Avaliar qualidade de vida e sintomas osteomusculares em trabalhadores da atenção primária.</p>	<p>Estudo descritivo, correlacional e transversal com 85 trabalhadores, usando o WHOQOL-Bref e Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares.</p>	<p>Observou-se uma maior ocorrência de lombalgia, cervicalgia, seguidas de dores nos ombros, punhos, mãos, dedos e joelhos.</p>

10	Silva et al. 2020 ¹⁷	Distúrbios osteomusculares e ações para reduzir a ocorrência em trabalhadores de enfermagem.	Identificar a presença de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho nos trabalhadores de enfermagem de uma unidade de clínica médica e construir juntos aos trabalhadores propostas para reduzir a ocorrência dos distúrbios osteomusculares no ambiente de trabalho.	Estudo transversal com 31 trabalhadores de enfermagem de uma clínica médica, que responderam a uma ficha de dados sociodemográfico e profissional e do Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares.	Nos últimos 12 meses 58,1% dos participantes apresentaram lombalgia, 54,8% dor na região torácica, e 45,2% relataram dores nas regiões do pescoço, punho/mãos e joelhos.
----	---------------------------------	--	---	--	--

Fonte: elaborado pelas autoras, 2022.

Quanto aos fatores individuais observados, nota-se uma prevalência no sexo feminino. Isto pode ser comprovado em um estudo realizado por Oranye e Benneth¹⁴ que identificaram uma alta proporção destas lesões em profissionais da saúde de Manitoba, sendo mais comuns em mulheres. Em outro estudo conduzido por Lobo et al.¹⁶ com um grupo de otorrinolaringologistas, também se observou esta realidade.

Barbosa, Assunção e Araújo⁹ justificam isto pelo fato de além das mulheres desempenharem suas atividades profissionais, ainda realizam atividades domésticas, fato este que gera uma sobrecarga, reduzindo assim seu período de descanso o que favorece o surgimento de sintomas musculoesqueléticos.

Outro ponto a ser levado em consideração é a relação destes distúrbios com o sedentarismo, uma vez que se pode constatar uma maior prevalência de sintomas nos indivíduos que apresentaram baixa ou nenhuma frequência de atividade física, com uma taxa 19% maior nos indivíduos com baixa atividade física, e 27% maior nos indivíduos que não praticavam nenhum tipo de exercícios. Segundo Lobo et al.¹⁶, a prática de atividade física e principalmente o fortalecimento dos grupos musculares mais solicitados durante a atividade laboral são capazes de prevenir os DORTs.

Além dos fatores individuais citados anteriormente diversos estudos trazem perspectivas de como o desempenho da atividade laboral associa-se aos problemas de saúde, Oranye e Benneth¹⁴ trazem em seu estudo que os profissionais de saúde que possuem mais contato físico com os pacientes, realizando tarefas em que é necessário manusear o paciente, apresentam um maior risco de desenvolverem lesões quando comparados a profissionais que não possuem tanta proximidade com os usuários do serviço.

Dentro desta perspectiva destaca-se que enfermeiros e auxiliares de enfermagem estão entre os profissionais com um maior risco de desenvolvimento desses sintomas, o que é confirmado através de uma pesquisa realizada por Silva et al.¹⁷, que esclarecem que as atividades desempenhadas por estes profissionais como a realização de caminhadas esporádicas, manutenção de posturas em pé por longos períodos e manipulação de pacientes podem ocasionar o aparecimento de sintomas osteomusculares. Magnato et al.¹⁰ complementam que a alta

repetitividade de atividades com tempo limitado para realizá-las e um ritmo vigoroso de trabalho corroboram para uma maior incidência de distúrbios musculoesqueléticos principalmente entre profissionais que apresentam um maior tempo no cargo.

Já Greiner, Nolan e Hogan¹⁵ em seu estudo com fisioterapeutas, trazem que dentro desta categoria, também há uma alta prevalência de sintomas musculoesqueléticos principalmente nas regiões dos ombros, pescoço e polegares, devido às características biomecânicas e atividades desenvolvidas para o desempenho da profissão, como realização de mobilizações articulares, trações manuais e realização de movimentos repetitivos, o que exige certo nível de força muscular, além de que muitas vezes os profissionais adotam posturas inadequadas e sustentadas para a realização das técnicas.

Outras categorias profissionais que envolvem um contato direto com os pacientes e esforço físico são os cirurgiões dentistas e auxiliares de saúde bucal, que segundo Cordioli et al.⁷, apresentam uma prevalência de quadros álgicos em membros inferiores, superiores e região dorsal, principalmente devido aos seus posicionamentos.

Com relação à classe dos médicos, o estudo de Kitzmann et al.¹¹ comparou a prevalência de distúrbios musculoesqueléticos nesta categoria profissional e observou-se que há uma maior prevalência de distúrbios musculoesqueléticos entre os oftalmologistas, com 32,6% a 69% para sintomas na região cervical, 11% para sintomas do ombro, 26 % para a região lombar.

Outros profissionais avaliados foram os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) que realizam longas caminhadas, além de não dispor de um ambiente ergonomicamente adequado durante visitas domiciliares. Com base na amostra do estudo, 82,98% dos ACS's, apresentaram sintomas musculoesqueléticos nos últimos sete dias, e 93,62% relataram esta sintomatologia nos últimos 12 meses¹³.

Ressalta-se que embora haja particularidades pertinentes a cada categoria profissional, pode-se perceber que a ergonomia foi abordada na grande maioria dos estudos analisados, uma vez que está intimamente ligada à saúde do trabalhador. Isso pode ser exemplificado na pesquisa realizada por Maciel et al.¹² que avaliou a ergonomia do ambiente laboral de médicos que conduzem o exame de colonoscopia, onde foram constatados alguns riscos ergonômicos associados principalmente a manipulação dos equipamentos para realização do exame.

De maneira geral, existem diversos tipos de distúrbios osteomusculares, cujo surgimento está associado tanto às características individuais, quanto às características profissionais, sendo que a ocorrência de determinado distúrbio está relacionado à maneira como a atividade laboral é executada. Portanto, cada categoria está exposta de acordo com as particularidades de cada

profissão⁹.

Porém de modo geral, evidencia-se que os distúrbios com maior prevalência são as dorsalgias, cervicalgias, dores nos ombros, punho, mãos, dedos e joelhos, levando em consideração que grande parte é influenciada por fatores como manuseio de grandes cargas de peso, realização de movimentos repetitivos, manutenção de posturas inadequadas de forma prolongada e inadequação do mobiliário de trabalho⁷.

Estes fatores tornam-se preocupantes uma vez que, afetam diretamente a qualidade de vida desses trabalhadores, o que pode ser visto no estudo de Cordioli et al.⁷ que traz em seu estudo que 72% dos profissionais estudados mencionam que o trabalho influencia diretamente em sua qualidade de vida, enquanto 62% referem que seu desempenho profissional está associado ao seu estado de saúde.

Nesse sentido é necessária a realização de mais estudos sobre essa temática, além de buscar melhorias nas condições de vida e de trabalho, através da adequação ergonômica, da utilização de pausas e exercícios específicos durante a jornada de trabalho e adoção de hábitos saudáveis, e com isso fornecer uma melhor assistência nos serviços de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da presente revisão integrativa da literatura, pode-se perceber que o surgimento de distúrbios musculoesqueléticos varia de acordo com as características individuais e laborais do indivíduos, estando relacionados a fatores como sexo feminino, profissões em que há contato direto e manipulação de pacientes, sedentarismo e hábitos de vida em geral.

Além disso, observou-se que entre os profissionais de saúde, as regiões mais acometidas são as do dorso, lombar, cervical, ombro, mãos, e dedos, podendo causar sintomas como dor, parestesias e fadiga muscular, variando de acordo com cada categoria profissional.

Ressalta-se, portanto, a importância da realização de mais estudos na perspectiva de investigar a temática em questão em um número maior de categorias profissionais, no sentido de buscar a prevenção e melhor qualidade de vida no trabalho. Além da implementação de ações efetivas nos diversos ambientes de trabalho destas categorias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 Parry SP, et al. Workplace interventions for increasing standing or walking for decreasing musculoskeletal symptoms in sedentary workers. *RevCochDataofSyste*. 2019;11(s.1).
- 2 Haeffner R, et al. Absenteeism due to musculoskeletal disorders in Brazilian workers: thousands days missed at work. *RevBrasEpidemicol*. 2018;21(s.1).
- 3 Freire ACGF, et al. Musculoskeletal disorders and disability in Brazilian Dentists in São Paulo. *RevDor*. 2017;18(2):97-102.
- 4 Medeiros PA, et al. Condições de saúde entre Profissionais da Atenção Básica em Saúde do Município de Santa Maria – RS. *RevBrasildeCiêndaSaúde*. 2016;20(2):115-122.
- 5 Epstein S, et al. Prevalence of Work-Related Musculoskeletal Disorders Among Surgeons and Interventionalists. *RevJamaSurgery*. 2018;153(2).
- 6 Alencar MCB, Carvalho RMM, Zavarizzi CP. Grupos de trabalhadores acometidos por LER/DORT: relato de experiência. *RevCadBrasTerOcup*. 2019;27(3):663-670.
- 7 Cordioli JRJ, et al. Qualidade de vida e sintomas osteomusculares em trabalhadores da atenção primária. *RevBrasEnferm*. 2020;73(5):1-7.
- 8 Lopes AR, et al. Fatores associados a sintomas osteomusculares em profissionais que trabalham sentados. *RevSaúdePublica*. 2021;55(2):1-12.
- 9 Barbosa REC, Assunção AA, Araújo TM. Distúrbios musculoesqueléticos em trabalhadores do setor saúde de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *RevCadSaúdePública*. 2012;28(8):1569-1580.
- 10 Magnato TSBS, et al. Intensidade da dor musculoesquelética e a (in)capacidade para o trabalho na enfermagem. *RevLatinoAmEnfermagem*. 2012;20(6):1125-1133.

11 Kitzmann AS, et al. A Survey Study of Musculoskeletal Disorders Among Eye Care Physicians Compared with Family Medicine Physicians. *RevOphthalmology*. 2012;119(2).

12 Maciel DP, et al., Musculoesketal disorder related to the work of doctors who perform medical invasive evaluation. *RevWork*. 2012;41(1):1860-1863.

13 Paula IR, et al. Capacidade para o trabalho, sintomas osteomusculares e qualidade de vida entre agentes comunitários de saúde em Uberaba, Minas Gerais. *RevSaúdeSoc*. 2015;24(1):152-164.

14 Oranye NO, Benneth J. Prevalence of work-related musculoskeletal and non-musculoskeletal injuries in health care workers: the implications for work disability management. *RevErgonomics*. 2017;61(3):355-366.

15 Greiner BA, Nolan S, Hogan DAM. Work-Related Upper Limb Symptoms in Hand-Intensive Health Care Occupations: A Cross-Sectional Study With a Health and Safety Perspective. *RevPhysical Therapy*. 2019;99(1):62-73.

16 Lobo D, et al. Work-related musculoskeletal symptoms in otorhinolaryngology and their relationship with physical activity. A nationwide survey. *RevTheJournafLaryneOtololo*. 2019;1(6).

17 Silva SM, et al. Distúrbios osteomusculares e ações para reduzir a ocorrência em trabalhadores de enfermagem. *Revenferm*. 2020;28:1-8.